

Um diagnóstico abrangente e oportuno

Embora não diga nada de original com relação ao conjunto de sua obra, o mais novo livro de Hélio Jaguaribe — **Alternativas do Brasil**, Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 1989, 145 páginas — é um diagnóstico abrangente da crise nacional e lançado num momento bastante oportuno: o período que vai do término da campanha eleitoral à realização da eleição presidencial em dois turnos e à ascensão ao poder de um novo quadro de dirigentes legitimado pela maioria absoluta dos votos. Como seu trabalho tem uma dimensão prospectiva e chega mesmo a apresentar algumas sugestões de caráter programático, mais uma vez o autor se insere habilmente no atual debate político, procurando nele influir com as suas conhecidas idéias de inspiração social-democrata.

A tese central deste livro de Jaguaribe é a mesma de seus últimos trabalhos de interpretação e avaliação de nossa realidade: diante da crise estrutural da sociedade brasileira, que se expressa por um dualismo perverso entre uma minoria opulenta e uma maioria miserável, da crise organizacional do Estado, que se traduz pela apropriação da máquina governamental e das empresas estatais pelas corporações sindicais e pelo cartorialismo empresarial, e da crise conjuntural da economia, resultante do desgoverno de um presidente provinciano, medíocre e incompetente, o Brasil está vivendo hoje o dilema entre reformar-se o mais depressa possível ou mergulhar num caos de consequências imprevisíveis. Se não for contido em tempo o canibalismo do sistema partidário, que age predatoriamente sobre o Estado, se não for equacionado com urgência o problema da implosão da unidade organizacional da máquina administrativa e se não forem adotadas medidas capazes de restabelecer a ordem no sistema econômico, minorar as condições de vida de dois terços da população e de reinserir o país na divisão do trabalho internacional a partir de uma perspectiva do mun-

do desenvolvido, o colapso institucional, social e econômico será iminente — afirma o autor.

As difíceis alternativas que o Brasil tem pela frente nos próximos meses já foram resumidas por Jaguaribe num extenso artigo publicado pelo **Caderno de Sábado** há alguns meses, o qual, aliás, foi incluído neste seu livro: “o sistema político-partidário está-se aproximando, aceleradamente, dos limites de resistência do Estado. Em tais condições, ou se moderniza e se aperfeiçoa, aceleradamente, o sistema político-partidário ou o Estado, para se conservar democrático, será rapidamente

conduzido a deixar de ser moderno ou, reversamente, para ser moderno, será compelido a deixar de ser democrático”. Nessas palavras de objetividade cruel, Jaguaribe retoma uma antiga preocupação de cientistas políticos de formação doutrinária distinta e por vezes colidente, como Samuel Huntington e Norbert Lechner: analisando todos os países da América Latina, tais pensadores se perguntam se eles serão realmente capazes de se modernizar por vias democráticas. Como as aberturas democráticas foram minadas pelo populismo e como os governos populistas minaram as condições de governabilidade desses países, a grande dúvida é saber se países como o Brasil conseguirão superar males atávicos e problemas estruturais sem novos retrocessos autoritários.

Até o momento, reconhece Jaguaribe com muita discrição, preocupado em encontrar respostas positivas e alternativas democráticas para esse dilema, pouco tem sido conseguido nessa



linha. “Cada nova geração de brasileiros, dado o crescente predomínio da sociedade primitiva, está condenada a começar do marco zero, porque, destituída majoritariamente de educação e cultura, não tem nenhuma noção dos acontecimentos precedentes e com eles não apresenta nenhum vínculo. Não dispõe tal sociedade, por isso, da capacidade de tirar proveito de suas experiências, porque não suficientemente transmitidas de uma para outra geração. O Brasil é, predominantemente, um país em permanente recomeço, a partir do marco zero. Cada nova geração constitui uma imigração virgem, provida, em absoluta e crescente maioria, de estratos marginais que não têm nada a ver com o passado histórico do país, salvo a herança da língua e da cultura da miséria” — diz o autor, concluindo que “o nosso povo é mais ignorante do que pobre” e que “não é mais possível adiar o encaminhamento da questão social”.

Trocando em miúdos: sem reforma social, a ignorância e a incultura continuarão ameaçando a consolidação do regime democrático, o qual permanecerá sob o estrito controle daqueles que, valendo-se de estratégias cinicamente populistas, procuram infantilizar e domesticar o eleitorado como forma de contar com seu voto. Exagerando os instintos e impulsos ingênuos do eleitorado brasileiro, 68% do qual com baixíssima escolaridade e 80% situado abaixo da linha de pobreza, os políticos populistas aproveitam-se da falta de discernimento da população miserável para viciar os mecanismos de representação, converter a campanha eleitoral numa grotesca comédia de costumes, permanecer no gozo absoluto do aparelho estatal e condenar a Nação a um crônico subdesenvol-

vimento político, econômico, social e cultural — o que amplia exponencialmente o dilema entre a modernidade e o obscurantismo e entre a democracia ingovernável e o autoritarismo tecnocrático acima mencionado.

Em seu livro, fruto de um ciclo de aulas e palestras dadas no Departamento de Ciência Política da USP no primeiro semestre deste ano, Jaguaribe faz força para se apresentar como um otimista. Reconhece que o Brasil dispõe de extraordinária viabilidade, mas constata a ausência de um projeto de poder cristalino assentado numa maioria política explícita — e sem esse projeto não há como se estabelecer um calendário de prioridades para se enfrentar as três crises simultâneas — a estrutural, a organizacional e a conjuntural — que estão levando o país para a ingovernabilidade e o afastando cada vez mais do mundo desenvolvido. Ele prega a necessidade de credibilidade e de legitimidade de um novo governo, reivindica competência e seriedade do futuro presidente da República, advoga um programa moderno de governo e afirma que, se entre 1990 e 1991 as três crises não forem superadas, a ordem social, política e econômica estará virtualmente comprometida por duas ou três décadas. Trata-se, portanto, de um livro atual, oportuno e tenso — o que de certo modo compensa as falhas de um texto excessivamente repetitivo, superficial em algumas passagens e impreciso em outras, falhas essas decorrentes do fato de que todos os capítulos nada mais são do que uma simples versão de aulas gravadas. O que vale, neste novo livro de Jaguaribe, não é a originalidade nem a precisão analítica ou mesmo o rigor metodológico, mas a advertência, o poder de síntese e o seu caráter pedagógico.